

Heidegger y la Genealogía de la Pregunta por el Ser – Una articulación temática y metodológica de su obra temprana

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2014.15183>



por **Marcelo Vieira Lopes**
nerofil@live.com

Universidade Federal de Santa Maria - RS

**ESCUADERO, Jesús Adrián. Heidegger y la Genealogía de la Pregunta por el Ser -
Una articulación temática y metodológica de su obra temprana, Herder, Barcelona, 2010**

Jesús Adrián Escudero, professor na Universidad Autónoma de Barcelona, onde atua desde 1996, além de tradutor da obra de Heidegger para o espanhol, é também autor de diversos livros sobre a vida e obra do autor alemão, dentre eles: *El programa filosófico del joven Heidegger* (2008), *El Lenguaje de Heidegger. Diccionario filosófico 1912-1927* (2009) e *Heidegger y la Filosofía Práctica de Aristóteles* (2009). Seu livro de 2010 aparece como uma grande fonte informativa para aqueles que buscam um aprofundamento no estudo da obra de Heidegger. Através do fio condutor da genealogia da pergunta pelo ser nos primeiros escritos do autor, Escudero aprofunda questões que somente foram possíveis a partir da publicação destes primeiros materiais, incluindo escritos e cursos universitários de Heidegger no período anterior a 1927. Seus estudos destes escritos trazem uma nova luz à compreensão de *Ser e Tempo*, permitindo vincular questões já prementes no período anterior e que culminariam no *opus magnum* heideggeriano. A partir desta genealogia da pergunta pelo ser, é possível ver o jovem Heidegger em debate com textos canônicos da tradição ocidental, bem como sua famosa violência interpretativa, arrancando dos textos aquilo que neles fica não dito. Escudero pretende fornecer uma ampla e exaustiva reconstrução dos passos temáticos e metodológicos do percurso do jovem Heidegger, que permitem dar uma visão geral do projeto que conduzirá a *Ser e Tempo*.

É possível, através da extensa documentação por ele fornecida, mostrar tanto as influências filosóficas do início do pensamento heideggeriano, em que o debate intenso e destrutivo com os textos canônicos da tradição ocidental mostra-se ainda embrionário, quanto a posterior apropriação dessa mesma tradição. A partir da seguinte divisão entre os capítulos da obra, podemos mostrar o itinerário percorrido pelo autor: I. *Introdução*; II. *Contexto histórico e intelectual*; III. *A raiz oculta do ser nos primeiros escritos*; IV. *Tema: do ser da vida fática ao sentido do ser em geral* e V. *Método: desenvolvimento e pressupostos metodológicos da fenomenologia hermenêutica*. Dentro dessa perspectiva, Escudero visa fornecer uma visão global da continuidade do pensamento heideggeriano. Através da Seinsfrage como fio condutor de seu pensamento, a obra de Heidegger como um todo deixa de ser vista como uma ruptura com o aparecimento de *Ser e Tempo* em 1927, e passa a formar um todo homogêneo, ao menos no que diz respeito ao período que vai de 1912 até 1928. Com o que o livro revela, pode-se afirmar que a pergunta que realmente transpassa o pensamento do jovem Heidegger de ponta a ponta é aquela pelo sentido do ser da vida humana.

A obra tomada como objeto dessa resenha propõe-se a tarefa de abordar o trajeto inicial de Heidegger através de dois eixos fundamentais: um temático e

outro metodológico. O primeiro diz respeito à análise das estruturas ontológicas do *Dasein* como ente capaz da pergunta pelo sentido do ser em geral. Já o segundo eixo apresenta o projeto de uma *destruição* da história da metafísica e uma *transformação* hermenêutica da fenomenologia. (ESCUADERO, 2010, p.29). Nesse sentido, Escudero reconstrói os passos temáticos e metodológicos de Heidegger até a gênese do projeto de *Ser e Tempo*. O livro pretende exibir uma análise documental exaustiva dessa fase do pensamento heideggeriano, complementando e mesmo divergindo de algumas interpretações, tais como a de Theodor Kisiel e Gadamer, por exemplo.

Através da riqueza textual trazida pelo autor, é possível ver como Heidegger já no semestre pós-guerra de 1919, começa a organizar e sistematizar as linhas que conduzirão o caminho de seu pensamento até *Ser e Tempo*, comprovando uma vez mais que, ao tratar da obra heideggeriana, não falamos de uma obra de ruptura, de aparição súbita, tal como Atena da cabeça de Zeus, mas sim de uma obra contínua. (ESCUADERO, 2010, p.37). *Heidegger y la Genealogía de la Pregunta por el Ser*, valendo-se de uma vasta documentação, destaca-se das duas linhas de interpretação da obra da juventude de Heidegger acima citadas. Segundo o autor, é possível seguir passo a passo o percurso do pensador enquanto jovem estudante, desde sua tese de doutorado (*A doutrina do juízo no psicologismo*, 1913) e sua tese de habilitação (*A doutrina das categorias e do significado em Duns Scotus*, 1915), como já antevendo o caminho necessário a ser percorrido para a sua abordagem da pergunta pelo ser. É justamente nessa direção em que se move a investigação de Escudero: buscar em cada passo, em cada confronto de Heidegger com o pensamento ocidental, traços que conduzam à resposta a essa pergunta.

A tematização do tipo de investigação em que se move o jovem Heidegger, já em confronto com a tradição é o objetivo da obra em questão, trazendo sempre e uma vez mais a ênfase na pergunta pelo ser, pelo *sentido* do ser da vida fática e a preocupação em apreender a vida em sua mobilidade originária. Mostra-se assim o fio condutor do pensamento do jovem Heidegger: a confrontação crítica com a tradição em busca do sentido da vida em seu acontecer, do “espírito vivo”, conceito de que se vale o próprio Heidegger, no início de seu percurso intelectual para designar a vida humana. Elemento marcante no trabalho é a explicitação do contexto histórico e intelectual desde onde surge e por onde se move Heidegger. Tanto sua formação inicial católica quanto sua confrontação com o pensamento de Lutero estão devidamente documentados. Ainda quando jovem professor em Freiburg começam a acentuar-se suas discordâncias tanto com o neokantismo quanto com a neoescolástica, tornando cada vez mais in-

tenso o diálogo com a teologia protestante, as interpretações paulinas, a filosofia da vida e, sobretudo, a fenomenologia de Husserl, seu mestre.

Através da discussão com Lask surge a formulação embrionária da *diferença ontológica*, a partir da diferenciação que este autor adota entre *valer e existir*. A filosofia transforma-se em uma ciência originária da lógica, analisando a natureza das categorias situadas em um nível pré-cognitivo, em que as formas puras apresentam-se como dadas. Também a discussão e o aprofundamento da fenomenologia da vida religiosa realizado por Heidegger nos seus trabalhos iniciais têm grande ênfase durante a caracterização dessa época do pensamento heideggeriano. Desde a relação com o cristianismo primitivo, no sentido de uma experiência originária da vida fática, a partir da interpretação das epístolas paulinas, passando por Schleiermacher e Dilthey até os estudos sobre Lutero e Agostinho e sua relação com o tempo. Todas essas vertentes, principalmente em Dilthey, levarão Heidegger ao confronto com a filosofia da vida. Mas é através da apresentação da confrontação crítica com Aristóteles que Heidegger começa a dar forma a uma “ontologização” das categorias da filosofia prática do estagirita. Nesse sentido, os modos de desvelamento encontrados em Aristóteles, tais como a *theoría*, *poiesis* e *práxis*, mostram-se em Heidegger vinculando a noção de *prudência* à noção de *cuidado* articulados no esboço da ontologia fundamental.

Também a confrontação com Kant é tomada como tema de análise na obra de Escudero. De extrema relevância para a compreensão da recepção da filosofia transcendental no horizonte heideggeriano, são destacados os interesses filosóficos em torno de Aristóteles, Husserl e Kant, em torno de 1926, bem como a interpretação e transformação da mesma, operada dentro da obra heideggeriana. Poderíamos nos valer aqui do próprio Escudero para caracterizar essa recepção de Kant: “De Husserl a Kant sob o olhar atento de Aristóteles” (ESCUDERO, 2010, p.344). Escudero apresenta-nos a problemática kantiana interpretada como “ante-sala” do problema da temporalidade, que como é sabido, mais tarde, viria a ocupar boa parte do pensamento heideggeriano. Poderíamos assim resumir a ligação de Heidegger com Kant como a integração de maneira produtiva de problemas oriundos do pensamento kantiano a seu próprio itinerário filosófico. (ESCUDERO, 2010, p.341). Kant aparece como um dos principais elementos da filosofia desenvolvida em *Ser e Tempo*, em especial na caracterização da constituição ontológica da subjetividade enquanto finita. Para Heidegger, a importância de Kant torna-se manifesta na medida em que este antecipa o nexo de ligação entre sujeito e tempo, antecipando a problemática radicalizada no projeto de 1927. (ESCUDERO, 2010, p. 343).

Já no capítulo V, “Método: desenvolvimento e pressupostos metodológicos da *fenomenologia hermenêutica*”, o mais extenso e informativo, o autor busca explicitar o ponto de convergência, mas ao mesmo tempo de divergência entre Heidegger e Husserl, a saber, a fenomenologia. A partir da reformulação do método fenomenológico como *fenomenologia hermenêutica* é que se dará a divergência entre ambos os filósofos. É justamente nesse capítulo em que Escudero exhibe as claras divergências entre Husserl e Heidegger e suas respectivas concepções do que é a fenomenológica, a saber, fenomenologia reflexiva versus fenomenologia hermenêutica. Nesse ponto, o autor torna claras as motivações do afastamento de Heidegger da fenomenologia husserliana. Segundo Heidegger, Husserl ainda fica preso ao nível da consciência e do ser como ‘coisa’, no sentido do *ego cartesiano*. Dessa forma, fica velado o aparecimento do modo de ser pré-teórico e cotidiano da vida humana, ficando restrito ao nível teórico do aparecimento dos fenômenos. Aqui aparece a pretensão heideggeriana de apreender de forma temática a experiência da vida em seu dar-se originário. Fala-se em uma ‘ciência originária’, na medida em que esta aparece como condição de possibilidade de qualquer ciência tematizante de outros âmbitos. Nesse sentido, tema e método mostram-se intrinsecamente ligados. O desenvolvimento de uma fenomenologia hermenêutica não fica restrito ao embate com a fenomenologia reflexiva de Husserl, mas mostra suas origens muito antes disso, já em 1919 como ‘ciência originária da vida’, em 1922 como ‘ontologia fenomenológica do Dasein’ e em 1923 como ‘hermenêutica da facticidade’ até a formulação de uma ‘analítica existencial’ no projeto de *Ser e Tempo* em 1927.

Escudero mostra, no decorrer do livro, que somente através da conjunção e compreensão de todos os elementos constitutivos da trajetória filosófica do jovem Heidegger é possível ligar um a um os fios que formam o enorme emaranhado de influências que constituem o problema do ser no autor, isto é, o sentido do ser da vida fática em geral. Mais do que um livro sobre a obra juvenil do filósofo de Meßkirch, o livro de Escudero busca trazer à luz os caminhos ocultos que levam a *Ser e Tempo* e a partir deles, elucidar problemáticas que até então, sem o rico material documental de que dispõe Escudero, estavam restritos às duas interpretações supracitadas. Em suma, *Heidegger y la Genealogía de la Pregunta por el Ser* pode ser visto como uma grande e profícua fonte de informação tanto para os scholars da obra de Heidegger quanto para os neófitos recém iniciados nas trilhas do pensador da Floresta Negra.